O Martírio de Guido de Brès

Por Wes Bredenhof

Introdução

A maioria de nós conhece bem o nome do autor da Confissão Belga, Guido (ou Guy) de Brès. É provável que nos lembramos da história da igreja ou das aulas de catecismo que de Brès foi martirizado devido a sua fé. Há pouco tempo, encontrei o depoimento de uma testemunha ocular desse martírio, que ocurreu em 31 de maio de 1567. De Brès foi enforcado por causa da sua fé, depois de ficar várias semanas na parte mais suja de uma prisão chamada Brunain em Valenciennes, que hoje faz parte da França. A cela dele era o lugar onde desembocava o esgoto da prisão. Lembrando disso, esta carta fala poderosamente da graça de Deus na vida desse santo e, por essa razão, vale a pena reparti-la com vocês. Aqui está la.

****

A morte destes dois servos de Deus, ministros da Igreja Reformada de Valenciennes, ou seja, M. (Monsieur) Guy e M. de la Grange, e outros prisioneiros executados no mesmo dia pela mesma razão, foi fielmente relatada na carta que se segue:

Queridos irmãos,

Queremos informá-los do venturoso fim de nossos dois irmãos e ministros, a saber, Guy de Brès e Peregrin de la Grange, que, depois de ficarem aprisionados desde 11 de abril de 1567 até o último dia de maio do mesmo ano, foram finalmente condenados à morte e enforcados no mercado em frente a prefeitura.

Enquanto ficaram presos, regozijaram-se nos seus grilhões, não mudando essa disposição nem mesmo no final. Pois quando no último sábado de maio o oficial de polícia veio avisá-los lá pelas três da tarde que deviam preparar-se para morrerem mais ou menos às seis da tarde, esses servos do evangelho começaram a louvar a Deus. Eles agradeceram ao oficial de polícia as boas novas que lhes tinha trazido.

Logo depois disso levantaram-se, e M. Guy dirigiu-se ao pátio da frente para desejar um bom dia aos outros prisioneiros. Ele lhes deu testemunho da sua alegria ao dirigir-se a eles assim, “Meus irmãos, eu sou condenado à morte hoje por causa da doutrina da Filho de Deus, louvado seja o Seu nome. Eu nunca pensei que Deus fosse me dar uma honra dessas. Sinto a graça de Deus fluindo em mim cada vez mais. Ela me fortalece a cada momento, e meu coração pula de alegria dentro de mim.” Depois, exortando os prisioneiros a que tivessem coragem, declarou que a morte não era nada. Citou a passagem de Apocalipse, o brado, “Ó felizes são os que morrem no Senhor! Eles agora repousam das suas obras.” Ele orou pedindo que os prisioneiros ficassem firmes e constantes na doutrina do Filho de Deus que ele lhes tinha pregado, dizendo que essa era a pura verdade de Deus. “Como também,” disse ele, “afirmei diante do bispo de Arras, e muitos outros. Eu haverei de responder por ele diante da face do meu Deus. Tomem cuidado para não fazerem nada que vá contra sua consciência. Cuidado com isso, porque então os senhores terão um atormentador que se alimentará das suas consciências, que estarão num constante inferno. Ó, meus irmãos, como é bom manter uma consciência boa.”

Depois, os prisioneiros lhe perguntaram se ele tinha terminado um certo texto que ele tinha começado. Ele disse que não, e que não mais trabalharia, pois dentro em breve estaria descansado no céu. Ele disse, “Chegou a hora da minha partida. Eu vou colher no céu aquilo que semeei aqui na terra. Combati um bom combate. Corri a minha carreira, guardando a fé do meu comandante. A coroa da glória que o Senhor e Justo Juiz me dará está aguardando por mim. Parece (e isso ele disse com rosto risonho e radiante) que minha alma receberá asas para elevar-se até o céu onde ela participará da festa de casamento do meu Senhor, o Filho do meu Deus.”

E enquanto ele falava, o oficial da polícia chegou ao pátio. E saudou-o, erguendo a mão até o quepe. E outra vez Guy lhe agradeceu as boas novas que lhe tinha trazido. O oficial de polícia respondeu, “Sinto muito que isso esteja acontecendo.” Ao que Guy respondeu alegremente, “Tu és meu amigo, eu te amo com todo o meu coração.” Então, despedindo-se dos prisioneiros, foi levado de volta para a cela...

...Pouco tempo depois, esses dois servos de Deus foram levados até a prefeitura, para receberem a sentença de morte, ou seja, para serem enforcados, estrangulados por terem agido de modo contrário à ordem do Governador. Eles o fizeram ao celebrar a Ceia do Senhor contra a ordem dele, sem mencionar a doutrina que pregaram. Por não terem sustentado essa doutrina, eles foram condenados. Ambos foram vitoriosos sobre os seus inimigos mesmo em face da morte. Enquanto era levado para a execução, M. de la Grange anunciava em alta voz nos degraus do patíbulo que estava morrendo unicamente por ter defendido a verdade de Deus diante do povo. Foi dessa maneira que esse fiel servo passou desta vida para a vida eterna.

Um pouco depois, levaram M. Guy, que se prostrou para orar ao pé da escada. Eles não permitiram que ele o fizesse; levantaram-no e fizeram que subisse rapidamente os degraus. Chegando ao topo, ele os exortou a que tivessem respeito pelo magistrado, que estava fazendo aquilo que se requeria dele. Ele suplicou que perseverassem na doutrina que lhes tinha proclamado, declarando que nunca tinha pregado outra coisa que não fosse a verdade de Deus. Ele ainda não tinha terminado suas palavras quando o responsável fez sinal para que o oficial se apressasse. E foi o que fez. Mas tão logo a escada foi retirada, começou uma confusão tal no meio dos soldados armados que eles começaram a correr de um lado para outro, disparando as armas em quem quer que encontrassem, tanto papistas como outros, e até mesmo matando seus próprios companheiros.

Isso tudo aconteceu sem razão aparente. Os comandantes não conseguiram controlar seus próprios homens, de forma que tiveram dificuldade de coibir aqueles que começavam a saquear as lojas. A única coisa que podemos imaginar é que Deus enviou esse terror como sinal do Seu justo juízo. Os homens ficaram tão dominados pelo terror que ficaram totalmente subjugados.

****

A carta prossegue relatando que os corpos ficaram pendurados no patíbulo por algum tempo, mas depois foram removidos e depositados em covas rasas. Contudo, as feras do campo conseguiram mutilá-los – nada novo, diz o autor da carta, se prestarmos atenção ao Salmo 74.

Algumas considerações sobre a carta

Assim terminou uma figura extraordinária da história das igrejas Reformadas. Consideremos rapidamente alguns elementos dessa narrativa. Em primeiro lugar, repare a grande alegria que enchia de Brès enquanto encarava a morte por causa da sua fé. De Brès e de la Grange foram consumidos pela

visão daquilo que os aguardava. Uma parte da carta que eu não cite menciona que de la Grange até engraxou os sapatos, “explicando que estava indo à festa de casamento, e às bodas eternas do Cordeiro.” Esses homens estavam totalmente certos da justificação em glória. Como cristãos que vivem num tempo da relativa liberdade, pode ser que às vezes estejamos perdendo algo da ardente convicção deles.

Em segundo lugar, repare que de Brès, mesmo na horas antes da sua morte, preocupava-se profundamente com os outros. Ele se preocupava com seus companheiros de prisão. Esta carta e outras deixam claro que de Brès gastou muitas horas na prisão testemunhando aos seus vizinhos. Enquanto estava na prisão, ele pregou-lhes “a doutrina do Filho de Deus.” Além disso, repare o amor e a compaixão de Guy pelo oficial de polícia ou pelo carcereiro quando diz, “Tu és meu amigo, eu te amo de todo o meu coração.” Que testemunho poderoso da graça de Deus na vida desse homem! Será que faríamos o mesmo se enfrentássemos a cadeia e a morte por causa da nossa fé?

A última coisa que impressiona é a maneira como de Brès se dirige ao patíbulo. De modo particular, repare a maneira como ele exorta o povo a respeitar o governo. Apesar da perseguição que sofreu, o autor do artigo 36 da Confissão Belga perseverou nos seus princípios: “Além disso, cada um, independente da sua qualidade, condição ou classse é obrigado a submeter-se aos oficiais civis, pagar os impostos, respeitá-los e honrá-los, e obedecê-los em tudo aquilo que não contrarie a Palavra de Deus.” Eu disse que vivemos num tempo da relative liberdade. Contudo, isso poderia muito bem mudar e parece estar mudando diante dos nossos olhos. Apesar disso, nossos princípios estão baseados na Escritura e não devemos jamais transigir. Queira Deus que isso naõ aconteça, mas se acontecer de sermos caçados por causa da nossa fé, teremos de continuar respeitando aqueles que estão acima de nós. Nesse assunto, de Brès nos dá um poderoso exemplo para seguir.

Em nossos dias, o martírio e a perseguição ainda são fatos desagradáveis para muitos crentes em todo o mundo. Apesar do grande mal perpetrado, Deus ainda faz com que essas coisas terríveis cooperem para o bem do Seu povo. Podemos ler e ouvir a respeito de histórias atuais de mártires e ser grandemente encorajados em nosso andar com Deus. Mas ainda podemos olhar para trás, para 1560, um tempo terrível de derramamento de sangue, e ser igualmente encorajados pelo testemunho de nossos pais. Na verdade, louvado seja Deus por Seu fiel servo Guido de Brès e inúmeros outros como ele!